



doi: 10.20396/rfe.v12i3.8661568

## Um olhar pedagógico sobre a pandemia e seus efeitos à Educação

### A pedagogical look at the pandemic and its effects on education

*José Douglas Alves dos Santos<sup>1</sup>*

*Maria Edivania Alves dos Santos<sup>2</sup>*

*Cristiano Mezzaroba<sup>3</sup>*

#### Resumo:

Neste ensaio abordamos os impactos da pandemia do novo coronavírus e como isso resultou em mudanças nas práticas educativas que se configuram ainda incipientes. Antes de descrever as consequências provenientes da Covid-19 no exercício docente e nas ações pedagógicas escolares, fazemos uma contextualização inter-relacionando distintos cenários socioculturais: desde o global, com informações sobre o vírus em larga escala, ao nacional e local – quando o vírus deixa de ser uma ameaça distante e se aproxima cada vez mais de nosso país, tornando-se parte de nossa realidade. Ao final, complementamos a reflexão tendo como horizonte os caminhos possíveis da Educação com a cultura digital.

---

<sup>1</sup> Um nordestino natural da cidade de Fátima, no sertão da Bahia. Possui graduação em Pedagogia (2013), com mestrado em Educação (2016), pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). No momento cursa o doutorado em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Integra o Núcleo Infância, Comunicação, Cultura e Arte (NICA/UFSC) e o Coletivo Tecendo: cultura arte educação

<sup>2</sup> Graduada em Licenciatura Plena em Educação Física pela Universidade Federal de Sergipe (2010); Estagiária do programa Academia da Cidade de Aracaju-SE (2007 - 2009); Professora de ginástica laboral pela empresa Contato Prom. da Saúde e Des. Humano LTD (2010); Profissional de Educação Física do Centro de Referência de Assistência Social - CRAS (2011); Pós-graduada em Fisiologia do Exercício - Prescrição do Exercício (2011) pela Universidade Gama Filho; Profissional de Educação Física do Núcleo Ampliado de Saúde da Família NASF-AB (2012-2020); Atualmente é servidora pública Municipal - Professora de Educação Física do ensino fundamental II (2014)

<sup>3</sup> Licenciado em Educação Física (2004) e Ciências Sociais (2012) ambos pela Universidade Federal de Santa Catarina, com mestrado em Educação Física - Linha Teoria e Prática Pedagógica - por esta mesma universidade (2008), e doutorado em Educação - Linha Sociologia e História da Educação, no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSC (finalizado em agosto de 2018). Foi professor substituto da Universidade Federal de Santa Catarina (2008-2009) e professor da Rede Municipal de Florianópolis (2010). Atualmente é professor Adjunto III do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe e também professor do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED/UFS)

**Palavras- chave:** Pandemia Covid-19 e Educação. Educação e Cultura Digital. Exercício docente e práticas educativas.

**Abstract:**

In this essay we discuss the impacts of the new coronavirus pandemic and how it resulted in changes in educational practices that are still incipient. Before describing the consequences arising from Covid-19 regarding teaching and school pedagogical actions, we make a contextualization interrelating different socio-cultural scenarios: from the global look, with information about the virus on a large scale, to the national and local look- when the virus stops being a distant threat and comes closer and closer to our country, becoming part of our reality. At the end, we complement the reflection, thinking about the possible paths of education together with the digital culture.

**Keywords:** Covid-19 pandemic and education. Digital Culture and Education. Teaching and educational practices.

### Do global ao local: um breve contexto da pandemia

Ao iniciar o ano de 2020, acompanhávamos pelos telejornais notícias relacionadas a mais uma doença que assolava a China, até então considerada de risco “moderado” segundo o primeiro boletim epidemiológico da Organização Mundial de Saúde (OMS), em 21 de janeiro de 2020<sup>4</sup>. Na semana seguinte, a OMS altera seu posicionamento, elevando o risco para “alto”. Dois dias depois, em 30 de janeiro, ela declara o cenário como “Emergência Internacional”.

Em fevereiro, “a doença causada pelo novo coronavírus recebeu a denominação COVID-19, em referência ao tipo de vírus e ao ano de início da epidemia: *Coronavirus disease – 2019*” (CRODA; GARCIA, 2020, p. 1). No fim daquele mês seriam confirmados quase 80 mil casos na China, com

---

<sup>4</sup> De acordo com a linha do tempo estabelecida pelo Ministério da Saúde, disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/linha-do-tempo/>. Acesso em: 03 de out. 2020.

2.838 óbitos, e uma média de 6 mil casos em outros 53 países, com 86 mortes.

Ao ser associada a uma pandemia – termo que segundo o Dicionário Aurélio Eletrônico seria uma “doença epidêmica amplamente difundida” (FERREIRA, 2004, s/p) –, o medo passou a se espalhar tão rápido quanto o próprio vírus, uma vez que foi se tornando mais comum as notícias a respeito do número de contaminados e de óbitos que não parava de aumentar nos países europeus, primeiro epicentro da doença depois do seu surgimento na China. Concomitantemente, no Brasil seguíamos nossas rotinas, sem tantas preocupações, embora os veículos midiáticos pautassem, ainda no final de 2019, o vírus como uma *doença respiratória misteriosa* naquele país asiático.

Muitas pessoas não deram atenção aos números – que não eram/são somente números, mas transformam-se em números durante uma cobertura midiática –, e mesmo a imagem transmitida na televisão de corpos “transportados para a incineração em caminhões” (KRENAK, 2020, p. 5), na Itália, parecia ainda para muitos brasileiros um exagero sem necessidade. O vírus continuava distante de nós: era a ilusão que se tinha, desconsiderando que vivemos há algum tempo em um mundo conectado por rápidos aviões que atravessam continentes em questão de horas. Não era incomum ouvir frases que denotavam desprezo em relação à efeméride, como: *De repente agora só se morre de Covid*, ou *Isso não passa de fake news*. Ou ainda, uma das mais simbólicas de nosso tempo: *Não passa de uma gripezinha*<sup>5</sup>.

Não se pode dizer que a chegada em terras brasileiras (e todas suas consequências passadas, até então, oito meses, com quase 150 mil brasileiros e brasileiras mortos) foi por falta de aviso ou de exemplos. Tivemos tempo suficiente para perceber como outros países reagiram, tentando amenizar/controlar a situação.

---

<sup>5</sup> Conforme Jair Bolsonaro, presidente do Brasil, declarou em entrevista à imprensa em 20 de março deste ano, dias depois da OMS declarar que a covid-19 tornava-se, então, uma pandemia (a declaração da OMS foi emitida dia 11 de março). Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/nao-vai-ser-uma-gripezinha-que-vai-me-derrubar-diz-bolsonaro-sobre-coronavirus.shtml>. Acesso: 05 out. 2020.

A começar pelo caso particular da China<sup>6</sup>, onde se iniciou a pandemia, cujas medidas de isolamento – provavelmente favorecidas pelo modelo político daquele país, de maior controle sobre a população – com quarentena rigorosa, restrições de circulação nas cidades e medidas locais de saúde ajudaram a conter a taxa de transmissão. Também podemos citar como exemplos de casos que foram bem sucedidos: o Japão e a Coreia do Sul. No caso japonês<sup>7</sup>, identificaram focos de infecção e protegeram os grupos populacionais mais vulneráveis, como os idosos, além de testar e isolar ao máximo, garantindo um certo sucesso no combate à pandemia. E no caso sul-coreano<sup>8</sup>, a ênfase foi detectar o vírus em seu estado inicial, sendo rigorosos com as medidas de isolamento por região e realizando exames de testagem de forma massiva com a população (e, em casos positivos, isolaram casos assintomáticos).

No contexto europeu, o sociólogo Boaventura de Sousa Santos (2020) fez um ensaio crítico denunciando a cruel e intensa pedagogia do vírus, que nos remete a uma aprendizagem difícil, mas necessária. No Brasil, Ailton Krenak nos lembrou que “somos piores que a Covid-19” (2020, p. 6), refletindo sobre as mudanças em gestação no planeta e as consequências do antropocentrismo.

O filósofo esloveno Slavoj Žižek também contribui no debate quanto aos possíveis aprendizados gerados pela pandemia, a partir sobretudo de sua dimensão política. Comentando quanto ao significado de vida e morte e suas diferenciações entre ocidente e oriente – e que, segundo ele, mostra o porquê de certa forma as nações orientais conseguiram lidar melhor com a pandemia –, Žižek argumenta que “Epidemias nos lembram de que nós permanecemos firmemente enraizados na existência corpórea, com todos os perigos que isso implica” (2020, s/p). Para ele, a sociedade global tem

---

<sup>6</sup> Conforme pode ser constatado na reportagem do jornal Correio do Povo, de Porto Alegre: <https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/mundo/estudo-mostra-que-isolamento-na-china-evitou-1-4-milh%C3%A3o-de-casos-de-covid-19-1.411831>. Acesso em: 06 out. 2020.

<sup>7</sup> Segundo consta na reportagem do Portal BBC Brasil, disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52090542>. Acesso em: 06 out. 2020.

<sup>8</sup> Informações de acordo com o Portal BBC Brasil, disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51877262>. Acesso em: 06 out. 2020.

formas e recursos para organizar a sobrevivência da espécie humana, mas deverá pensar em “organizar uma forma de vida mais modesta, com as penúrias locais de alimentos compensadas pela cooperação global, com um sistema de saúde global melhor equipado para os próximos ataques” (ŽIŽEK, 2020, s/p).

Na África, mais especificamente no contexto moçambicano, o biólogo e escritor Mia Couto também aludiu a essa crítica, não se conformando “com a ignorância que mantemos sobre os vírus e as bactérias” (2020, s/p), que segundo ele está “muito ligada a uma visão antropocêntrica que mantemos do mundo e da vida”. Mia Couto ainda reflete sobre o vírus a partir de outra perspectiva:

Os vírus não podem ser entendidos como os maus da história, os vilões que merecem ser estudados apenas por motivos médicos. Há ainda dúvidas na comunidade científica sobre se considerar essas criaturas como seres vivos ou partículas inorgânicas. Seja o que forem, os vírus são os grandes maestros da orquestra da Vida, são os mensageiros e agentes de troca entre o mais diverso patrimônio genético. Eles não estão “fora” nem “longe”, não vivem nos laboratórios. Eles estão onde está a vida, estão dentro de nós. O nosso genoma incorpora elementos virais. Nós somos feitos a partir deles. Os mamíferos não seriam capazes de desenvolver placenta se não tivéssemos incorporado geneticamente esses elementos virais. Falo de tudo isso porque essa pandemia não será a última. Já estávamos avisados que viria algo parecido. E ficamos à espera, embevecidos com o nosso poderio tecnológico e com a ilusão da nossa onisciência (COUTO, 2020, s/p).

Com essa constatação, notamos até que ponto esse olhar pautado no humano, sobre o humano e para o humano, pode ser prejudicial para entendermos questões complicadas, como o vírus; ou para compreendermos algumas outras, talvez tão complexas quanto, como por exemplo a forma como os governos e seus representantes nacionais lidam com situações de intenso risco como esta.

Durante esse período de pandemia, Mia Couto vem trabalhando na Comissão Técnica e Científica de Assessoria ao governo de Moçambique, atuando “com os meios de comunicação social e com as lideranças comunitárias para difundir mensagens educativas para a contenção da doença” (2020, s/p), como ele mesmo afirma. A falta desse tipo de trabalho em outros contextos, como no caso do Brasil, evidenciou quem ou o que pode ser considerado o maior vilão nessa história.

O governo brasileiro preferiu subestimar o vírus, seguindo a linha de representantes políticos que disseminavam falsas informações no que dizia respeito às medidas de cuidado e proteção, a exemplo de Donald Trump<sup>9</sup>, nos Estados Unidos, que levantou a hipótese da criação de injeções à base de desinfetante, causando grande repercussão e produzindo graves consequências, como o aumento de chamadas de emergência por ingestão de desinfetante caseiro na cidade de Nova York (NBC, 2020).

A *grande solução* encontrada pelo atual mandatário brasileiro, o presidente Jair Bolsonaro, com toda sua retórica negacionista e desdenhando da população brasileira, foi a cloroquina, um remédio usualmente utilizado para tratar malária, gerando uma discussão da opinião pública em torno de um remédio que mais prejudicou do que ajudou no combate contra o vírus.

---

<sup>9</sup> Donald Trump, por ironia do destino, mesmo subestimando o vírus ou emitindo declarações polêmicas (responsabilizando a China e gerando mal-estar geopolítico), negacionistas (negando a gravidade da doença em seu país, principalmente nos meses de março, abril e maio) e falsas (como tomar o medicamento cloroquina como forma de prevenir a doença; ou mesmo que tomar desinfetante impediria o vírus de adentrar no corpo humano), declara ter sido contaminado pelo coronavírus no dia 02 de outubro de 2020, pouco mais de um mês antes das eleições norte-americanas. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2020/10/02/trump-com-covid-19-o-que-ha-de-certo-ou-errado-no-que-presidenciaveis-ja-falaram-sobre-coronavirus.htm>. Acesso: 05 out. 2020.

Como Laís Alegretti assinalou, “nenhum avanço veio dela. Pelo contrário, [...] o debate em torno desse remédio tirou atenção e recursos de discussões e pesquisas mais importantes” (2020, s/p).

A estratégia do presidente estava diretamente associada aos recentes discursos e acusações contra a ciência e os trabalhos dos/as cientistas, também apoiada por seu *guru ideológico*, Olavo de Carvalho, que questionava as teorias e ideias basilares da ciência moderna: “Ao questionar a Ciência e colocar a fala do presidente acima da de especialistas, o governo cria um ‘estardalhaço’ para que os bolsonaristas repercutam a desinformação” (ROSA, 2019, s/p).

Lembremos que cada vez mais se evidenciam algumas características do modo de pensamento e de ação da extrema-direita brasileira e mundial, bem representadas nas formas de atuação de Donald Trump (presidente dos EUA) e Jair Bolsonaro (presidente do Brasil), entre outros em vários países. Ou seja, o discurso terraplanista (de que a Terra é um planeta plano e não arredondado com achatamento nos pólos), negacionista (negando o conhecimento empírico das mais variadas ciências, desde as biológicas e naturais, como também, das ciências sociais e humanas) e superficial (que nada mais é do que uma simplificação na forma de compreender a complexidade das *coisas* do mundo, que se exhibe no seu fazer político que determina todas outras esferas humanas).

No Brasil, especialmente, vemos uma nação inteira *pagando a conta* por desacreditar da educação, na ciência e na cultura: a escolha desse tipo de político para governar um povo já indicava falta de acuidade histórica e sensibilidade política e social. Poderíamos nos perguntar, porque a reflexão é sempre bem-vinda e necessária: o que faltou às várias gerações brasileiras no contexto escolar a ponto de hoje termos que enfrentar tudo isso? Conforme revisão de literatura operada por Karino e Laros (2017), quanto aos estudos de eficácia escolar no Brasil, observou-se que a dimensão socioeconômica tem um forte impacto no desempenho escolar.

Fatores contextuais, organizacionais, de monitoramento e pedagógicos devem ser considerados, e eles não devem ser desvinculados da dimensão

política, principalmente, e também econômica. Há a possibilidade de incluir aí outros fatores, como os extraescolares (acesso às mídias e tecnologias, por exemplo; mediações de outras instituições que subjetivam outras formas de conhecimento, como religião e movimentos sociais etc.), além, é claro, de uma tentativa de “inquisição ideológica” que temos presenciado nos últimos anos no Brasil, conhecida a partir do movimento “Escola Sem Partido<sup>10</sup>”.

Não estamos culpabilizando professores e escolas, porque tal instituição e tais agentes são consequências de políticas nacionais ao longo da história, mas devemos sempre pensar no papel de mediação de práticas educativas na oferta de conteúdos científicos e nas implicações quanto à formação escolar, científica – e não estamos entendendo *ciência* apenas como biologia, física e química, por exemplo, mas também história, língua portuguesa, matemática, sociologia, filosofia, arte, etc.

O resultado desse processo não se refere apenas a uma repercussão negativa da Ciência, mas ao perigo do retorno de antigos paradigmas orientados pela ortodoxia religiosa que configuram um modo de percepção universal e místico, contrário ao trabalho científico (pautado na empiria das condições materiais de vida e desenvolvimento humano, com todas suas contradições), e que se reflete na defesa de teses historicamente refutadas, como a de que a *Terra é plana*<sup>11</sup> e que o *aquecimento global não existe*<sup>12</sup>.

---

<sup>10</sup> Sobre tal questão, ver Mezzaroba (2020a).

<sup>11</sup> No texto “Além da Terra plana: o terraplanismo como método do governo Bolsonaro”, publicado na Revista Capital, podemos conhecer um pouco mais quanto a este tipo de estratégia. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/opiniao/alem-da-terra-plana-o-terraplanismo-como-metodo-do-governo-bolsonaro/> Acesso: 06 out. 2020.

<sup>12</sup> Como se a própria experiência sensorial, vivendo em qualquer parte do mundo, já não bastasse para constatar isso, negam-se e deturpam-se imagens de satélites que evidenciam os clarões de incêndios, seja na Amazônia, como vimos em agosto 2019 (a ponto de interferir na cidade de São Paulo, fazendo o dia se tornar noite devido às fumaças das áreas queimadas no Norte do Brasil: <https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2019/08/satelites-mostram-invasao-de-rio-de-fumaca-de-queimadas-sobre-sao-paulo.shtml>) ou mesmo em 2020 com os incêndios em grandes proporções no Pantanal brasileiro, compreendendo os estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul (<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/2020/09/24/setembro-de-2020-e-o-mes-com-mais-queimadas-no-pantanal-desde-1998>).



Como um vírus, essas crenças também se propagam “em epidemias e, ainda mais obviamente, são transmitidas entre as gerações formando tradições longitudinais e promovendo enclaves de irracionalidade típica de cada lugar” (DAWKINS, 2018, p. 335). Nesse sentido, “o que está em jogo é uma disputa por novos discursos, regimes de verdade e fontes de autoridade” (MACHADO, 2020, s/p).

Contra a ignorância, temos a compreensão que, para nós, “sempre vai ser muito mais digna de respeito” (ADAMS, 2014, p. 117). Destarte, a ciência contribui para que tenhamos mais compreensão, do mundo e dos seus fenômenos, dos outros e de nós mesmos. Todavia, quando este processo é lento e não tem o devido apoio governamental, ou quando é intencionalmente utilizado para fins eleitorais (pois sabemos que quanto menos letrada e com menos repertório cultural uma população for *socializada* mais fácil será governá-la), seu reflexo pode ser tão drástico quanto possível: mais de 149 mil mortes no Brasil, mais de 1 milhão no mundo<sup>13</sup>.

Nesse sentido, orientamos nosso ensaio em torno da pandemia e de seus impactos às práticas educativas, tendo como horizonte de reflexão as mídias e tecnologias digitais hoje presentes e disponíveis – ainda que em acesso reduzido, tanto para docentes, discentes e até mesmo para as escolas, sem desconsiderar esse cenário de distintas limitações –, que se configuram como possibilidades de experimentação pedagógica e nos permitem ideias e práticas para este momento histórico.

### Do local para o global: a pandemia entre nós

Quando a situação tomou proporções alarmantes nos grandes centros urbanos brasileiros, muitas cidades interioranas, em distintos estados, tentaram tomar atitudes urgentes e necessárias, criando barreiras sanitárias que impediam a entrada de pessoas sem autorização no município, sanitizando veículos nas entradas das cidades, obrigando o uso de máscaras e fechando escolas.

---

<sup>13</sup> Dados referentes ao dia 20/09/2020.

Boa parte da população, por sua vez, reclamou dessas medidas, pois desejava que o cenário continuasse o mesmo, sobretudo para comerciantes, que previam os danos financeiros, e pais, que não sabiam como lidar com a situação de ter de cuidar dos seus próprios filhos em tempo integral durante toda a semana – até porque muitos não tinham condições de fazer isso quando continuavam a sair para trabalhar, sem ter com quem deixar as crianças.

Enquanto a preocupação dos mais diferentes especialistas (infectologistas, virologistas, médicos, enfermeiros, cientistas em geral) e de muitos representantes políticos se concentrava na ampliação do atendimento médico, em obter respiradores e construir mais leitos de UTI, o presidente brasileiro continuava a fazer propaganda da cloroquina, como sendo a *pílula mágica* que preveniria da doença, ou, estando com ela, seria o elemento terapêutico para tratá-la, ignorando apelos da comunidade científica que advertiam quanto à necessidade de mais pesquisas sobre seu uso, além de, desde o começo, alertarem que não seria o remédio ideal para tal.

No mês de abril, profissionais de saúde foram convocados para realizar capacitações promovidas pelo Ministério da Saúde, numa tentativa de melhor orientar sobre o vírus, “para auxiliar os gestores do Sistema Único de Saúde (SUS) nas ações de enfrentamento da Covid-19 a partir da capacidade de trabalho desses profissionais” (AGÊNCIA SAÚDE, 2020, s/p). No entanto, os protocolos adequados às reais necessidades dos municípios, que em sua grande maioria sequer tinham hospitais de referências para casos graves, foram deixados de lado.

Ficamos, muitos de nós, à mercê da sorte, principalmente quando consideramos nosso pertencimento a determinada classe social, já que a doença chegou e afetou a classe alta e classe média, e foi se transformando em uma doença que agora vai afetando de forma mais pungente as classes mais baixas. Não havia o mínimo necessário, materiais de proteção individual já estavam em falta em muitos países, unidades de pronto atendimento foram adaptadas às pressas; logo em seguida, os comércios

foram sendo fechados, o desemprego aumentou e muitas pessoas sentiram *na pele* e no psicológico os efeitos da nossa inconsequente atuação política.

Dentre a maior parte desses desempregados nas grandes capitais do Sudeste do país, muitos eram nordestinos, que precisaram tomar a difícil decisão de retornar às suas cidades de origem diante de um contexto que não melhorava. Sem emprego, em condições precárias e vendo a morte chegar cada vez mais perto, para boa parcela deles não havia outra opção.

O retorno foi gradativo, muitos mantiveram a crença de que logo as coisas se normalizariam, então resolveram esperar um pouco mais. Durante este tempo, procedimentos foram tomados pelas secretarias de saúde municipais para uma melhor tentativa de controle; com um breve conhecimento sobre a doença, sabia-se que os infectados poderiam ou não demonstrar sintomas, o que acarretaria um período de 14 dias de isolamento ainda mais rígido. Um *isolamento* dentro do isolamento.

Foi se evidenciando, em meio ao caos e à falta de conhecimento em como agir em relação ao vírus, juntamente com a insegurança e ao medo do momento, que a falta de uma coordenação mais centralizada – que deveria ter ocorrido via Ministério da Saúde do Governo Federal – foi sendo gestada em cada estado brasileiro de uma maneira, ou seja, cada governador atuou de maneira singular, transferindo responsabilidades aos prefeitos. A cultura da não-responsabilização (lembramos que 2020 é ano de eleições municipais, as quais ocorreriam em outubro e foram remarcadas para novembro) falou mais alto e quem pode acompanhar as ações e discursos dos governantes ficou completamente *perdido* enquanto a Covid-19 foi se alastrando e aterrorizando o país e os altos índices de mortalidade foram se materializando como concretização da (triste) experiência brasileira.

Em muitas cidades foi definido que a população precisava ser monitorada, com um controle de entrada de pessoas nos municípios<sup>14</sup>. Foram disponibilizados telefones para informar a chegada daqueles que

---

<sup>14</sup> A exemplo do que aconteceu na cidade de dois autores deste texto, Fátima, e outras circunvizinhas, como Adustina, Paripiranga, Cícero Dantas, Heliópolis, todas no estado da Bahia, que tentou manter o controle sobre a entrada de visitantes e daqueles que retornavam de capitais e outras grandes cidades brasileiras.

retornavam das capitais para seus lares originários, em um movimento semelhante ao que aconteceu na Índia e em países africanos, em que uma parcela considerável da população retornou às suas vilas de origem no interior (ALVES, 2020).

No Brasil, um novo fluxo de retorno (CUNHA; BAENINGER, 2000) então se fez presente, o que contrastava com o recente êxodo rural “protagonizado por retirantes climáticos” (LOYOLA, 2020, s/p), aqueles que devido às fortes estiagens retomam o caminho das metrópoles em busca de novas oportunidades.

“O Nordeste brasileiro tem-se caracterizado como uma área de intensos fluxos emigratórios”, afirmam Kleber Oliveira e Paulo Jannuzzi (2005, p. 140). Pelo visto, a pandemia do novo coronavírus contribuirá para este processo seguir ocorrendo, uma vez que notamos o retorno de muitos nordestinos devido às restrições da quarentena nas capitais (GONÇALO JUNIOR, 2020), quando o fluxo contrário era maior.

Segundo a prefeitura de Itiúba, cerca de 300 pessoas chegaram ao município desde o início da pandemia. Em Adustina, também na Bahia, o prefeito Paulo Sérgio do Oliveira Santos (PSL) estima que 500 migrantes retornaram nos últimos dois meses. Em outros oito municípios da região, [...] as prefeituras também estão registrando o aumento nos retornos (SCHMITT, 2020, s/p).

Retornar para casa diante de uma complicação como esta, gerada pela emergência sanitária do novo coronavírus, para quem tem essa possibilidade, não é um problema. A questão é que muitos dos que se aventuraram nessa jornada – que vinham de áreas consideradas de risco – podiam estar portando o vírus, um risco agravante para municípios que conseguiam se manter relativamente seguros de uma contaminação massiva (PITOMBO; VALADARES, 2020; ALVES, 2020).

Dessa forma, sempre que alguém chegava à cidade, a própria família, ou outras pessoas por meio de ligações, informava o centro de saúde local. As enfermeiras então se dirigiam até a casa e realizavam as orientações necessárias, dando ênfase ao isolamento domiciliar de 14 dias, estivesse a pessoa com sintomas ou não da doença, para a segurança e proteção da família e também da comunidade.

Ao chegarem às pequenas cidades, os migrantes, após longo período distantes da família e dos amigos de infância e juventude, muitas vezes, desrespeitavam as orientações dadas e realizavam encontros sociais e familiares, ou seja, aglomerações, marcando festas e reuniões; muitos convidados, com receio de negar o convite, acabavam comparecendo a estes eventos, ajudando a alastrar o vírus. A cultura afetiva dos latino-americanos e dos brasileiros infelizmente, desta vez, foi um elemento que dificultou sobremaneira *lidar* com o vírus e seus efeitos.

Os relatos de agressão e hostilidade contra alguns profissionais de saúde (ou mesmo fiscais das prefeituras) que aumentaram em capitais como São Paulo (GUIMARÃES, 2020), também foram evidenciadas em pequenos municípios, quando estes foram insultados, desrespeitados e constrangidos perante uma população que não dispunha de informações precisas a respeito daquilo que opinava.

Aos poucos, as pessoas começaram a desrespeitar os decretos municipais, começaram a realizar festas particulares, o comércio voltou a abrir suas portas, retomando as atividades como se o pior já estivesse passado; ou como sequer tivesse acontecido ali onde elas estavam, pois se antes parecia algo distante, na China, na Europa e nos Estados Unidos, ainda aparentava estar longe, restrito às capitais e grandes centros urbanos<sup>15</sup>.

“Trinta anos, três dias... é uma questão de perspectiva” (SAINT-EXUPÉRY, 2016, p. 112). Algo semelhante com o que podemos identificar na concepção daqueles que se consideravam mais imunes ou com mais sorte do que os chineses, europeus, estadunidenses ou paulistanos, cariocas e

---

<sup>15</sup> No Brasil, um ditado popular alega que *Deus é brasileiro* – a crença em Deus e o pertencimento religioso certamente contribuíram e contribuem ao fato de uma considerável parcela da população desconsiderar a realidade imposta pelo vírus.

manauaras, por exemplo. Longe ou perto, é uma questão de perspectiva. Ao pensarem que o vírus afeta somente sujeitos que vivem nas grandes cidades e centros urbanos brasileiros, muitas pessoas desdenharam da letalidade da doença – lembrando que durante a pandemia, países sul-americanos lideraram, juntamente com os Estados Unidos, as taxas de contaminação e também de letalidade; neste último caso, com Peru, Brasil e Chile dominando as tristes estatísticas.

Não demorou para que as primeiras mortes fossem diagnosticadas como resultantes do vírus. Em pouco tempo o número de infectados cresceu, bem como as subnotificações e, no mesmo período, as instituições escolares começaram a ser cobradas para que garantissem a continuidade do direito à educação, e principalmente fazer os profissionais trabalharem para justificar seus pagamentos. E é sobre a educação escolar que abordaremos no próximo tópico.

### A educação em meio à pandemia: mídias como possibilidades

Com a pandemia dominando nossas rotinas<sup>16</sup>, todos aqueles que atuam com educação precisaram ficar em suas casas pensando em alternativas para realizar seus trabalhos pedagógicos. Começamos então a realizar trabalhos remotos, com a utilização das mais variadas tecnologias. Vimos que muitas instituições privadas de maneira muito rápida conseguiram se ajustar à dinâmica da pandemia; e a maioria das instituições públicas, reféns de sua própria estrutura e da falta de recursos apresentavam limitações e dificuldades.

Enquanto pequenas cidades aproveitaram de suas rádios locais para produzir e veicular conteúdos escolares, em algumas capitais as redes de

---

<sup>16</sup> Nossa vivência no contexto da pandemia, situando com o trabalho pedagógico desenvolvido, trouxe uma série de desafios, como: se adaptar às diferentes telas e ao tempo de exposição a elas; preparar atividades para os discentes sem acesso a computador, celular e internet; aceitar uma comunicação mais verbal que visual, uma vez que muitos alunos não abriam suas câmeras; propor atividades avaliativas menos rígidas e mais compreensivas; entre outras. O que ficou evidente, com maior ênfase, é a falta que cada um faz ao processo educativo – como a presença do outro e contato corporal são imprescindíveis à formação.

ensino utilizaram de canais públicos de televisão, para tentar minimizar o fato de que nem todas as crianças, jovens e adultos tinham acesso ao computador, celular e internet.

Conforme dados da pesquisa TIC KIDS ONLINE BRASIL (2019), constatamos que em se tratando de contexto brasileiro, não podemos naturalizar quanto aos usos e consumos das tecnologias no cenário educacional. Segundo o Relatório, 4,8 milhões de crianças e adolescentes brasileiros entre 9-17 anos vivem em domicílios sem internet:

Em 2018, 86% das crianças e adolescentes com idade entre 9 e 17 anos eram usuários de Internet, o que equivale a 24,3 milhões de indivíduos conectados. A proporção de crianças e adolescentes usuários de internet foi maior nas classes AB (98%) e C (94%) do que nas classes DE (73%). Os percentuais também foram maiores nas regiões Sul (95%), Sudeste (94%) e Centro-Oeste (94%), na comparação com Norte e Nordeste (75% para ambas as regiões) (TIC KIDS ONLINE BRASIL, 2019, p. 107).

Além disso, explicita-se o uso pelo aparelho de celular: se 22,7 milhões de crianças e jovens (9-17 anos) utilizavam a rede pelo celular em 2018, “Cerca de metade do público investigado (53%) acessou a rede exclusivamente pelo telefone celular” (TIC KIDS ONLINE BRASIL, 2019, p. 107).

As instituições escolares com mais recursos disponibilizaram aos seus docentes equipamentos; aquelas onde a realidade era distinta, como a maioria das escolas públicas, o meio mais democrático para garantir o acesso do educando às aulas ou atividades síncronas (presenciais on-line) e assíncronas (de forma virtual, porém de acordo com o tempo de cada educando) foi por meio do aparelho celular, via WhatsApp ou YouTube.

Não foram poucas as reportagens que visualizamos na televisão, por exemplo, mostrando famílias em que os pais tiveram que utilizar seus próprios aparelhos, dividindo-se entre seus contatos pessoais e profissionais, também trabalhando em casa, ao mesmo tempo que serviam às tarefas escolares dos seus filhos.

De maneira abrupta, professores e alunos foram direcionados para as salas de aula digitais numa tentativa de garantir a continuidade dos estudos. Porém, levando em consideração os “4,8 milhões de crianças e adolescentes, na faixa de 9 a 17 anos, [que] não têm acesso à internet em casa”, conforme relata Mariana Tokarnia (2020, s/p) – levando em consideração o levantamento do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br) do Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br) –, foi necessário desenvolver estratégias para disponibilizar os conteúdos aos estudantes, utilizando de atividades impressas para que pais as recolhessem na escola.

Mesmo com essas tentativas, ainda havia um número considerável de discentes que não tinham acesso às aulas e nem tampouco aos materiais pedagógicos propostos. Enquanto isso, a carga de trabalho dos professores aumentou ao ponto de, em alguns casos, duplicar ou triplicar (OLIVEIRA, 2020), fazendo com que o desgaste físico e emocional também se evidenciasse em meio a esse ritmo até então não experienciado.

“No momento atual, muitas escolas, públicas e privadas, estão exagerando nas expectativas do que professores e familiares conseguem fazer” (DIAS; PINTO, 2020, p. 547). Constatamos que mesmo diante de um desafio mundial, com a necessidade de refletirmos mais e melhor quanto às questões que são prioritárias à própria vida (neste caso, preservar a saúde primeiramente), a urgência das obrigações cotidianas gera um sentimento de pressão coletiva que implica em certo desprezo por alunos e alunas, professores e equipes escolares, sem esquecer que esses sujeitos relacionam-se, em suas casas, com pais, avós, companheiros e companheiras.

A fragilidade não é algo que se refere apenas às pessoas contaminadas, às que têm menos chances de resistir ao vírus, como os



idosos, ou às crianças que estão longe de seus pares e de demais sujeitos e lugares onde elas poderiam estar usufruindo. Além delas, os familiares e os professores sentem essa pressão. A angústia, o estresse, o desgaste, isso afeta a todos.

Aos professores, tendo que lidar “com a urgência do momento” (MEZZARROBA, 2020b, s/p), ficou a missão de, por meio de mídias digitais, produzirem aulas e atividades que atendessem às demandas dos educandos, criando ou utilizando vídeos, áudios, imagens e outros textos escritos, disponíveis em diferentes plataformas. Alguns setores da sociedade reivindicaram fortemente o cumprimento do calendário escolar, exigindo que a carga de conteúdo fosse garantida ao final do período. Houve uma total falta de sensibilidade diante da complexidade do momento singular vivido pelo mundo no cenário da pandemia.

Além disso, ainda foram (e são) obrigados a realizar registro de frequência, digitar e entregar plano de ensino ou relatório de aula, atividades, textos, corrigir as atividades individuais, participar de reuniões remotas, estimular a participação dos alunos, entre outros. Dava-se a impressão de que, para estes profissionais, tudo permanecia normal, tendo apenas que cumprir com o cronograma e o calendário escolar.

“Só que não”, para usar uma expressão que se popularizou nos últimos anos entre jovens e entre adultos no Brasil. A tarefa do docente não deveria se tratar de cumprir um planejamento pré-pandemia, orientando para determinados fins que já não fazem mais sentido, sendo que o enfoque poderia estar em uma “manutenção simbólica da experiência escolar, essa necessidade do saber e do aprender”, conforme pontuou o psicólogo Alessandro Marimpietri (OLIVEIRA, 2020, s/p).

Podemos acrescentar que até mesmo mais do que a necessidade do saber e do aprender, havia a necessidade da presença, do estar presente e se fazer presente para os estudantes, de um modo que percebessem nossas reais preocupações.

Além das complexas questões pedagógicas relativas ao ensino remoto, a discussão sobre o contexto atual do trabalho docente envolve o tema da infraestrutura das escolas, das condições sociais e de saúde de toda a comunidade escolar. O debate envolve ainda, as questões relativas às condições de trabalho dos profissionais de educação tanto no que se refere às adaptações necessárias para a oferta de educação remota quanto à retomada das atividades presenciais, quando isso for possível, já que eles se encontram na linha de frente do processo de reorganização escolar (GESTRADO/UFMG, 2020, p. 5).

O relatório técnico do Grupo de Estudos sobre Política Educacional e Trabalho Docente da Universidade Federal de Minas Gerais (2020) traz relevantes questões para mensurar as dificuldades referentes às práticas educativas formais da escola, destacando, por exemplo, que os docentes tiveram que se reinventar de última hora, “adaptando suas atividades, desenvolvendo habilidades para lidar com novas ferramentas e metodologias para responder a essa situação inteiramente inusitada” (2020, p. 21).

Ainda no que concerne a este processo, o Relatório informa que uma grande maioria dos profissionais que atuam na Educação “não recebeu qualquer formação para o desenvolvimento dessas atividades” (GESTRADO/UFMG, 2020, p. 21), o que atesta ainda mais o esforço e o compromisso para com as suas práticas e deveres, algo que ao mesmo tempo em que pode significar crescimento e amadurecimento profissional, pode também gerar novas tensões e angústias para os professores.

Os problemas já conhecidos que envolvem a oferta de educação básica pública no país foram

evidenciados neste contexto de pandemia. A precariedade de muitas escolas, a ausência de profissionais em número suficiente, a falta de suporte das redes de ensino, os problemas relacionados às condições sociais e econômicas das famílias são fatores que dificultam a busca de alternativas para enfrentar a pandemia e o retorno às atividades presenciais (GESTRADO/UFMG, 2020, p. 22).

Poderia ser um processo menos complexo, se tivéssemos condições materiais e estruturais que permitissem vislumbrar os fins educativos de nosso exercício docente, bem como se estivéssemos mais preparados para lidar com as demandas dessa comunicação e cultura digital que passou a ser praticamente o único meio de contato daqueles que estão respeitando o isolamento social e procurando, de alguma forma, desenvolver suas atividades pedagógicas no formato remoto.

Uma formação que possibilite trabalhar com as mídias digitais a partir de outra perspectiva de currículo é algo que se discute já há algum tempo (FANTIN, 2007; 2012; FANTIN; RIVOLTELLA, 2012), o que não se trata de fazer uma transição ou ruptura total no modo de ensinar, mas de reconfigurar ideias e metodologias que se adequem aos objetivos propostos pelo docente no contexto sociocultural em que atua, permitindo-lhe conhecer e fazer uso das tecnologias mais presentes em nosso tempo pelo viés de suas dimensões formativas.

Afinal, as mídias não só asseguram formas de socialização e transmissão simbólica, mas também participam como elementos importantes da nossa prática sócio-cultural na construção de significados da nossa inteligibilidade do mundo (FANTIN, 2007, p. 2).

Bévort e Belloni (2009), ao contextualizarem sobre todo transcurso histórico dos elementos que envolvem mídias, tecnologias e educação, e situarem que desde a década de 1960 as mesmas são consideradas pelo campo educacional, refletem que parece haver uma despreocupação da esfera das políticas públicas em propor ações que impactem no cotidiano das escolas e dos professores, implicando nas práticas pedagógicas e nas transformações dos saberes com os alunos e alunas.

Em outras palavras, não ouvimos falar de políticas públicas e investimentos que estimulem a aquisição e utilização de dispositivos digitais, do mesmo modo que há uma carência formativa nesse sentido. E a formação a que nos referimos não designa aquela voltada somente ao uso indiscriminado de tais tecnologias, mas que ofereça aos docentes meios de refletirem sobre suas potencialidades e possibilidades – e, de igual maneira, também ressalte seus aspectos negativos (BOWLES, 2019).

Faz-se necessário garantir aquisição de tecnologias e desenvolver uma cultura de formação continuada para os profissionais. Não se pode falar em uma *base comum curricular* de metodologia ativa sem espaços que promovam vivências que propiciem experiências necessárias para o desenvolvimento da aprendizagem. Por mais que o processo educativo e de aprendizagem não se restrinja à escola (pois sabemos que há outras instâncias institucionais que também operam formas de aprender, como a família, a igreja, as mídias tradicionais, os grupos de amigos, etc.), existe uma grande diferença quando ela acontece nesse espaço, com profissionais qualificados para este fim.

O conteúdo – por melhor preparado que seja e por mais atrativo que sua forma indique – pode estar disponível em qualquer lugar, mas a mediação jamais será a mesma. Talvez a pandemia, em relação ao contexto escolar e formativo, mesmo com a necessidade e urgência de se utilizar tecnologias e mídias digitais, seja a oportunidade de trazer ao primeiro plano o relevante e significativo papel do professor *em carne e osso*. É neste processo de mediação que ocorrem experiências que podem perdurar por

muito tempo na memória e na vida dos estudantes, como experiências significativas que os ajudam a ampliar o olhar sobre sua realidade e suas possibilidades.

Fomos engolidos por uma *tsunami digital* (SANTAELLA, 2019) que parece ser tendência do momento; não sabemos como lidaremos com isso no futuro, e ainda precisamos de tempo para avaliar o que deu ou não certo nesse uso emergencial no presente, que talvez possa ser melhorado ou readaptado em outros tempos. O que não há dúvidas – e relatos de pais e alunos e alunas já evidenciam isso quando conversamos com pessoas próximas ou mesmo quando vemos ou lemos reportagens nas mais diversas mídias – é o quanto cada um/a sente falta do espaço escolar, sente falta da presença do professor, da sua aula, das suas mediações. Em meio a tudo isso, certamente os professores e professoras também olharão para esses instrumentos tecnológicos e verão neles possibilidades educacionais para auxiliarem em suas aulas.

#### Considerações complementares: caminhemos

Nas escolas públicas, um dos maiores problemas que se deu a partir desse cenário de pandemia foi o da inclusão de todos os alunos nas atividades remotas. Nas pequenas cidades, muitos não possuem os dispositivos e aplicativos necessários para entrar no ambiente virtual, como um celular com acesso à internet, e tampouco têm um espaço presencial adequado para este fim – o que certamente também é algo presente nas grandes cidades, em especial àqueles e àquelas circunscritos às regiões periféricas e mais pobres.

Aqueles que têm acesso ao celular em casa, muitas vezes um aparelho para uso de toda família, nem sempre estão disponíveis, porque o pai ou a mãe precisa dele quando saem para o trabalho. Há crianças que entram em contato com os professores depois do horário da aula, justificando sua ausência pois estavam trabalhando na lavoura, tomando conta do irmão mais novo, preparando a comida, cuidando dos afazeres da casa, entre outros serviços básicos à sua rotina.

Quando o professor *entra* na casa de um aluno por meio das videochamadas, e quando esse aluno está entre aqueles em situação de vulnerabilidade social, ele consegue compreender o que é urgente na vida dos estudantes e de suas famílias. O que é prioridade, em muitos casos, por exemplo, ainda é a necessidade de se alimentar. Em diversos municípios nordestinos este cenário trouxe “a interrupção da merenda escolar para crianças em situação de fome e do abastecimento de água para os que não têm o que beber” (AFP, 2020).

A este agravante, semelhante ao que muitos povos tradicionais têm enfrentado (SPEZIA, 2020), acrescenta-se ainda outro tipo de alimentação, tão necessário quanto a de nutrientes, que se trata de uma *alimentação afetiva e cultural*, que para um número considerável de crianças e jovens só é possível por meio da escola.

Em meio à pandemia, estamos, todos nós, nos orientando a partir de nossas necessidades e prioridades. A escola, como direito básico de todo cidadão, faz o possível para tentar se aproximar de seus sujeitos. Talvez não tenha encontrado ainda a melhor maneira, uma vez que muitos profissionais da área continuam a tentar adaptar seus planos para este período histórico inédito e difícil na vida da grande maioria da população.

Todavia, esses esforços, por mais equivocados que sejam, “não podem ser desprezados” (GESTRADO/UFMG, 2020, p. 21), porque é também por meio do conhecido método de *tentativa e erro* que conseguimos alcançar muitos dos nossos objetivos, ainda que estes sejam indefiníveis para tantas pessoas – o próprio trato das ciências naturais e biológicas para com o coronavírus também envolve o mesmo método, de tentativa e erro, e passados alguns meses do coronavírus já sabemos que alguns medicamentos não são úteis, ou mesmo ouvimos relatos de equipes hospitalares dizendo que hoje conseguem salvar mais vidas porque sabem lidar melhor com a infecção respiratória do coronavírus (BARRET; YAFFE, 2020; GUSSO et al., 2020).

Os caminhos se abrem e se apresentam com a própria caminhada. Nesse momento de pandemia, o mais importante talvez não tenha sido

escolher um caminho para seguir, mas simplesmente manter-se caminhando. Pudemos observar diversas iniciativas que propuseram contribuir nesse sentido, como, por exemplo, as instituições públicas de ensino que ofereceram e produziram cursos, guias, materiais didáticos, bem como ofertaram disciplinas com maior flexibilidade (ICMC, 2020; GIMENEZ; SOUZA; FELTRIN, 2020; GUSSO, et al., 2020).

“De maneira rápida, as universidades se adaptaram, alteraram suas rotinas e incorporaram novas atividades para responder às novas demandas sociais” (GIMENEZ; SOUZA; FELTRIN, 2020, s/p), buscando alternativas por meio do Ensino Remoto Emergencial, o que caracterizou o contexto escolar da educação básica e do ensino superior durante esse período, com muitos docentes tendo que encontrar e/ou improvisar soluções de acordo com suas circunstâncias e possibilidades, fazendo-os muitas vezes se sentir como “MacGyvers<sup>17</sup>” (HODGES et al., 2020).

Isso trouxe à tona diferentes problemáticas, como as descritas por Gusso et al. (2020): falta de suporte psicológico a professores (e também a estudantes); baixa qualidade no ensino (devido a uma falta de preparação para lidar com os “meios digitais”); sobrecarga de trabalho (que ficou evidenciado em todos os níveis de ensino); descontentamento (sobretudo dos estudantes); e acesso limitado (quando não inexistente) às tecnologias necessárias para os fins então propostos.

Tais problemáticas, por sua vez, não impediram que pudéssemos fazer o que estava ao nosso alcance, especialmente na aproximação com os alunos e as alunas nesse tempo de distanciamento espacial. De alguma forma, isso fortaleceu o desejo e a vontade de continuar caminhando, na expectativa de que em breve possamos lembrar dessas histórias, compartilhando-as quando estivermos efetivamente juntos novamente.

É importante não esquecer o quanto foi difícil, o quanto sentimos medo, o quanto a insegurança foi a tônica desses tempos, mas que diante de

---

<sup>17</sup> Famoso personagem e protagonista de série “MacGyver – Profissão: Perigo” (*MacGyver*, 1985-1992, criado por Lee David Zlotoff). Aqui a comparação se dá porque MacGyver precisa resolver problemas considerados impossíveis pelas circunstâncias, utilizando como principal método a improvisação.

uma experiência que poderia nos paralisar, soubemos ter paciência, força e resiliência para seguir tentando, a cada dia, uma vez mais; e assim, como agentes da educação, percebemos que somos, todos nós, seres aprendentes a cada instante.

Certamente haverá algo a ser aprendido – como professores, como alunos, mas principalmente como sujeitos do mundo, como cidadãos mundanos – neste difícil ano de 2020 diante da pandemia de Covid-19. Que possamos estar abertos a essas possibilidades e às experiências que elas proporcionam, desenvolvendo de modo mais crítico e sensível um olhar pedagógico sobre a pandemia e seus efeitos à Educação.

### Referências

ADAMS, Douglas. *O salmão da dívida*. São Paulo: Arqueiro, 2014.

AFP – Agence France Presse. Historicamente pobre, Nordeste enfrenta caos com o coronavírus. Rio de Janeiro, maio 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2020/05/29/historicamente-pobre-nordeste-enfrenta-caos-com-o-coronavirus.htm>>. Acesso em: 20 set. 2020.

AGÊNCIA SAÚDE. Cerca de 5 milhões de profissionais de saúde serão cadastrados. *Ministério da Saúde*, Brasília, abr. 2020. Disponível em: <<https://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/46646-cerca-de-5-milhoes-de-profissionais-de-saude-serao-cadastrados>>. Acesso em: 20 set. 2020.

ALEGRETTI, Laís. Os 4 avanços no tratamento que reduzem risco de morte por Covid-19. *BBC News Brasil*, de Londres, ago. 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-53678063>>. Acesso em: 19 set. 2020.



ALVES, Patrícia Maria. Corra para as colinas! Pandemia da Covid-19 causa fenômeno de migração urbana. *Folha de Londrina*, Londrina, abr. 2020. Disponível em: <<https://www.folhadelondrina.com.br/folha-mais/corra-para-as-colinas-pandemia-da-covid-19-causa-fenomeno-de-migracao-urbana-2988281e.html>>. Acesso em: 19 set. 2020.

BARRET, Christopher D.; YAFFE, Michael B. Covid-19: all the wrong moves in all the wrong places. *Science Signaling*, Washington DC, vol. 13, n. 649, 15 set. 2020. Disponível em: <<https://stke.sciencemag.org/content/13/649/eabe4242/tab-pdf>>. Acesso em: 30 set. 2020.

BÉVORT, Evelyne; BELLONI, Maria Luiza. Mídia-educação: conceitos, história e perspectivas. *Educação & Sociedade*, Campinas/SP, v. 30, n. 109, p. 1081-1102, set./dez. 2009. Disponível: <<https://www.scielo.br/pdf/es/v30n109/v30n109a08.pdf>>. Acesso em: 05 out. 2020.

BOWLES, Nellie. La interacción humana es un lujo en la era de las pantallas. *The New York Times*, New York, mar. 2019. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/es/2019/03/26/espanol/opinion/tecnologia-pantallas-contacto.html>>. Acesso em: 19 set. 2020.

COUTO, Mia. O vírus não pode ser entendido como o vilão da história – Entrevista de Ubiratan Brasil com Mia Couto. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, mai., 2020. Disponível em: <<https://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,mia-couto-o-virus-nao-pode-ser-entendido-como-o-vilao-da-historia,70003300582>>. Acesso em: 20 set. 2020.

CRODA, Julio Henrique Rosa; GARCIA, Leila Posenato. Resposta imediata da Vigilância em Saúde à epidemia da COVID-19. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*. Brasília, v. 29, n. 1, mar. 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.5123/S1679-49742020000100021>>. Acesso em: 19 set. 2020.

CUNHA, José Marcos Pinto da.; BAENINGER, Rosana. A migração nos estados brasileiros, no período recente: principais tendências e mudança. In: Encontro Nacional Sobre Migração, 2., *Anais...* Belo Horizonte: Abep, 2000. p. 117-165.

DAWKINS, Richard. *Ciência na alma: escritos de um racionalista fervoroso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

DIAS, Érika; PINTO, Fátima Cunha Ferreira. A Educação e a Covid-19. *Ensaio: aval.pol.públ.Educ.*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 108, p. 545-554, set. 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ensaio/v28n108/1809-4465-ensaio-28-108-0545.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2020.

FANTIN, Monica. Alfabetização midiática na escola. Trabalho apresentado no Seminário VII Seminário “Mídia, Educação e Leitura” do 16º COLE, Campinas, jul. 2007. Disponível em: <[http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes\\_anteriores/anais16/sem05pdf/sm05ss15\\_06.pdf](http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem05pdf/sm05ss15_06.pdf)>. Acesso em: 19 set. 2020.

FANTIN, Monica. Mídia-educação no ensino e o currículo como prática cultural. *Currículo sem Fronteiras*, v. 12, n. 2, p. 437-452, maio/ago. 2012. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol12iss2articles/fantin.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2020.

FANTIN, M. RIVOLTELLA, Pier Cesare. *Cultura digital e escola: pesquisa e formação de professores*. Campinas: Papirus, 2012.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário eletrônico Aurélio versão 5.0*. Curitiba: Positivo Informática, 2004. CD-ROM.

GESTRADO/UFMG – Grupo de Estudos sobre Política Educacional e Trabalho Docente da Universidade Federal de Minas Gerais. Trabalho Docente em Tempos de Pandemia. Relatório Técnico. *Confederação Nacional Dos Trabalhadores Em Educação (CNTE)*, Belo Horizonte, jul. 2020. Disponível em:

<[https://www.cnte.org.br/images/stories/2020/cnte\\_relatorio\\_da\\_pesquisa\\_covid\\_gestrado\\_julho2020.pdf](https://www.cnte.org.br/images/stories/2020/cnte_relatorio_da_pesquisa_covid_gestrado_julho2020.pdf)>. Acesso em: 20 set. 2020.

GONÇALO JUNIOR, Sem dinheiro por restrições da quarentena, migrantes voltam para cidades natais no Nordeste. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, jun. 2020. Disponível em: <<https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,sem-dinheiro-por-restricoes-da-quarentena-migrantes-voltam-para-cidades-natais-no-nordeste,70003315951/>>. Acesso em: 19 set. 2020.

GIMENEZ, Ana Maria Nunes; SOUZA, Gedalva de; FELTRIN, Rebeca Buzo. Universidades brasileiras e covid-19: fortalecendo laços com a sociedade. *Boletim IG/DPCT Covid-19*, Campinas, n. 2, abr. 2020. Disponível em: <[https://portal.ige.unicamp.br/sites/portal8.ige.unicamp.br.portal/files/eventos/2020-04/Boletim%202\\_Final.pdf](https://portal.ige.unicamp.br/sites/portal8.ige.unicamp.br.portal/files/eventos/2020-04/Boletim%202_Final.pdf)>. Acesso em: 31 dez. 2020.

GUIMARÃES, Ligia. Coronavírus: profissionais de saúde relatam hostilidade no transporte público de SP. *BBC News Brasil*, São Paulo, mar. 2020. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-51983987>>. Acesso em: 20 set. 2020.

GUSSO, Hélder Lima et al. Ensino superior em tempos de pandemia: diretrizes à gestão universitária. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 41, e238957, p. 1-26, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/es/v41/1678-4626-es-41-e238957.pdf>>. Acesso em: 31 dez. 2020.

HODGES, Charles; MOORE, Stephanie; LOCKEE, Barb; TRUST, Torrey; BOND, Aaron. The difference between emergency remote teaching and online learning. *Educause Review*, Washington, 27 mar. 2020. Disponível em: <<https://er.educause.edu/articles/2020/3/the-difference-between-emergency-remote-teaching-and-online-learning>>. Acesso em: 31 dez. 2020.

ICMC [Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação]. Um guia para sobreviver à pandemia do ensino remoto. *Portal USP São Carlos*, São Carlos,

maio 2020. Disponível em: <<http://www.saocarlos.usp.br/um-guia-para-sobreviver-a-pandemia-do-ensino-remoto/>>. Acesso em: 31 dez. 2020.

KARINO, Camila Akemi; LAROS, Jacob Arie. Estudos brasileiros sobre eficácia escolar: uma revisão de literatura. *Revista Examen*, Brasília, v. 1, n. 1, jul./dez. 2017, p. 95-126. Disponível em: <<https://examen.emnuvens.com.br/rev/article/view/25>>. Acesso em: 31 dez. 2020.

KRENAK, Ailton. *O amanhã não está à venda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LOYOLA, Rafael. Crise da Covid-19 é só uma prévia do colapso climático. *Nexo Jornal*, São Paulo, jun. 2020. Disponível em: <<https://pp.nexojornal.com.br/opinia/2020/Crise-da-covid-19-%C3%A9-s%C3%B3-uma-pr%C3%A9via-do-colapso-clim%C3%A1tico>>. Acesso em: 20 set. 2020.

MACHADO, Rosana Pinheiro. Coronavírus: Bolsonaro só acredita na ‘ciência’ quando o resultado lhe interessa. *The Intercept Brasil*, Rio de Janeiro, mar. 2020. Disponível em: <<https://theintercept.com/2020/03/31/coronavirus-bolsonaro-anti-ciencia/>>. Acesso em: 19 set. 2020.

MEZZARROBA, Cristiano. Para haver uma formação humanista e cidadã é preciso que a escola seja livre! *Ensenanza Estudos Sociais*, Florianópolis, ago. 2020a. Disponível em: <<https://ensenanzaestudosociais.blogspot.com/2020/08/para-haver-uma-formacao-humanista-e-28.html>>. Acesso em: 31 jan. 2020.

MEZZARROBA, Cristiano. Professores “mestres do amanhã” na urgência do presente. *Ensenanza Estudos Sociais*, Florianópolis, set. 2020b. Disponível em: <<https://ensenanzaestudosociais.blogspot.com/2020/09/professores-mestres-do-amanha-na.html>>. Acesso em: 20 set. 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Resposta nacional e internacional de enfrentamento ao novo coronavírus*. Brasília, Governo Federal. Disponível em: <<https://coronavirus.saude.gov.br/linha-do-tempo/>>. Acesso em: 20 de set. 2020.

NBC. NYC Poison Control Calls for Bleach, Lysol Double After Trump Disinfectant Comment. *NBC*, New York, abr. 2020. Disponível em: <<https://www.nbcnewyork.com/news/local/nyc-poison-control-calls-for-bleach-lysol-double-after-trump-disinfectant-comment/2389593/>>. Acesso em: 19 set. 2020.

OLIVEIRA, Kleber Fernandes de; JANNUZZI, Paulo de Martino. Motivos para migração no Brasil e retorno ao Nordeste: padrões etários, por sexo e origem/destino. *São Paulo Perspec.*, São Paulo, v. 19, n. 4, p. 134-143, dez. 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-88392005000400009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392005000400009&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 19 set. 2020.

OLIVEIRA, Joana. Em meio à rotina de aulas remotas, professores relatam ansiedade e sobrecarga de trabalho. *El País*, São Paulo, maio 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-05-21/em-meio-a-rotina-de-aulas-remotas-professores-relatam-ansiedade-sobrecarga-de-trabalho.html>>. Acesso em: 20 set. 2020.

PITOMBO, João Pedro; VALADARES, João. Com retorno de migrantes, Covid-19 avança no Nordeste. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, maio 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/05/com-retorno-de-migrantes-covid-19-avanca-no-nordeste.shtml>>. Acesso em: 19 set. 2020.

ROSA, Ana Beatriz. O que acontece quando um ‘negador da ciência’ se torna presidente. *HuffPost Brasil*, São Paulo, ago. 2019. Disponível em: <[https://www.huffpostbrasil.com/entry/bolsonaro-ciencia\\_br\\_5d4de8d8e4b0fc06ace7d376](https://www.huffpostbrasil.com/entry/bolsonaro-ciencia_br_5d4de8d8e4b0fc06ace7d376)>. Acesso em: 19 set. 2020.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. *Terra dos homens*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

SANTAELLA, Lúcia. Prefácio. In: SALES, Mary Valda Souza (Org.) *Tecnologias digitais, redes e educação: perspectivas contemporâneas*. Salvador: EDUFBA, 2020. p. 7-9.

SCHMITT, Gustavo. O retorno ao nordeste em êxodo provocado pelo novo coronavírus. *Época*, São Paulo, maio 2020. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/brasil/o-retorno-ao-nordeste-em-exodo-provocado-pelo-novo-coronavirus-24440023>>. Acesso em: 19 set. 2020.

SOUSA SANTOS, Boaventura. *A cruel pedagogia do vírus*. Coimbra: Almedina, 2020.

SPEZIA, Adi. Sem territórios demarcados, povos do Nordeste enfrentam ao mesmo tempo a fome e a letalidade do vírus. *CIMI*, Rio Branco, set. 2020. Disponível em <<https://cimi.org.br/2020/09/sem-territorios-demarcados-povos-do-nordeste-enfrentam-ao-mesmo-tempo-a-fome-e-a-letalidade-do-virus/>>. Acesso em: 20 set. 2020.

TIC KIDS ONLINE BRASIL 2019. *Pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil*. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2019. Disponível em: <<https://cetic.br/pt/publicacao/pesquisa-sobre-o-uso-da-internet-por-criancas-e-adolescentes-no-brasil-tic-kids-online-brasil-2018/>>. Acesso em: 06 out. 2020.

TOKARNIA, Alessandra. Brasil tem 4,8 milhões de crianças e adolescentes sem internet em casa. *Agência Brasil*, Rio de Janeiro, maio 2020. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020-05/brasil-tem-48-milhoes-de-criancas-e-adolescentes-sem-internet-em-casa#:~:text=Os%20dados%20foram%20solicitados%20pelo,garantam%20a%20continuidade%20do%20aprendizado>>. Acesso em: 20 set. 2020.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. WHO Director-General's statement on IHR Emergency Committee on Novel Coronavirus

(2019-nCoV). *Publications*, Genebra, 30 jan. 2020. Disponível em: <[https://www.who.int/dg/speeches/detail/who-director-general-s-statement-on-ihf-emergency-committee-on-novel-coronavirus-\(2019-ncov\)](https://www.who.int/dg/speeches/detail/who-director-general-s-statement-on-ihf-emergency-committee-on-novel-coronavirus-(2019-ncov))>. Acesso em: 20 set. 2020.

ŽIŽEK, Slavoj. Vírus, lockdown permanente e política. *Outras mídias*. São Paulo, 24 jun. 2020. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/outrasmidias/zizek-virus-lockdown-permanente-e-politica/>>. Acesso em: 07 out. 2020.

*Submetido em: 10/10/2020*

*Aceito em: 14/01/2021*

*Publicado em: 02/02/2021*